

O FASCÍNIO E O TERROR DA NATUREZA EM FERNANDO PESSOA

Teresa Rita Lopes

Impõe-se, para começar, pôr em causa duas ideias feitas: a de que Alberto Caeiro, o Mestre da família pessoana, é um “poeta da Natureza”, como ele a si próprio se apelidou, e a outra, mais geral, de que a Natureza é paisagem.

Convém lembrar que Pessoa foi um cidadão assumido. Nasceu e morreu em Lisboa, passou oito anos numa cidade da África do Sul, Durban, e fez nascer em três cidades diferentes de Portugal os seus heterónimos: Alberto Caeiro em Lisboa, Álvaro de Campos em Tavira e Ricardo Reis no Porto. É verdade! até Caeiro nasceu numa cidade, Lisboa, apesar de ter ido muito novo viver para o campo – para o Ribatejo.

Instado por um amigo, Francisco Cabral Metelo, a quem fez o favor de um prefácio, a ir passar uns tempos com ele no campo, na quinta dos pais, Pessoa respondeu, declinando o convite, que tinha o espírito “insuficientemente panorâmico”¹. E para melhor exprimir o anti-bucolismo dessa sua alma cidadina ainda acrescentou que “há árvores, pedras, flores, rios que são tão estúpidos que parecem gente”.

Também convém não esquecer que, numa célebre carta a João Gaspar Simões, que ele sempre gostou de arreliar, Pessoa desmistifica os seus “fingimentos” autobiográficos que o exegeta tinha interpretado ao pé da letra, lembrando-lhe que “o sino da sua aldeia” era o da Igreja dos Mártires, ali ao Chiado – onde até por sinal fora baptizado.

Poderíamos avançar imediatamente com uma tese plausível: Pessoa inventou-se uma aldeia pela interposta pessoa de Caeiro que até cantou, num poema, “o rio da sua aldeia”... Podemos imaginar que Pessoa quis colmatar a sua lacuna “fingindo”, através de Caeiro, o amor pela Natureza que deveras

¹ Fernando Pessoa, *Correspondência*, Org. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio e Alvim, 1999, p. 21.

tinha. É uma tese sedutora: resta saber se será verdadeira. Vamos interrogar os textos para tentar saber.

Por outro lado, para desfazer a tal ideia feita que reduz a Natureza a paisagem, recordemos que Natureza (que costumamos escrever significativamente com maiúscula) é tão indefinível como Deus e que, como Ele, acaba por ser essencialmente sentida, abstraindo circunstâncias e pormenores, como uma forma de energia.

No trigésimo poema do “Guardador de Rebanhos”, Caeiro confessa:

Não sei o que é a Natureza: canto-a.

Para Caeiro não é necessário definir a Natureza mas apenas frui-la com o corpo:

Todas as opiniões que há sobre a Natureza
Nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor
[...]
Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas.²

Poder-se-ia acrescentar que o que Pessoa queria era aprender a “deitar o corpo na realidade”, como diz Caeiro noutro poema. É sedutor admitir que o Mestre Caeiro foi inventado para ensinar Pessoa a ter corpo, a desnudá-lo e a pô-lo em comunicação com a Natureza – coisa que ele, na sua própria pessoa, nunca conseguiu fazer.

Repare-se que, aparentemente, a relação de Pessoa-Caeiro com a Natureza passa pela relação com o corpo. É que Natureza confessa ele não saber o que é, mas corpo sempre sabe (embora se possa imaginar que nunca voluntariamente o expôs aos outros, nem em público nem em privado).

Diz Caeiro:

Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama.
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...³

Curiosamente Caeiro é o único dos heterónimos que conta e até canta com acento lírico os seus amores (os de Campos são sempre demasiado encenados para serem líricos).

² *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, Ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Presença, 1994, p. 143.

³ IIº poema do “Guardador de Rebanhos”.

Algumas datas da série de poemas do “Pastor Amoroso” remetem para os amores de Pessoa com Ofélia, inclusive o poema de ruptura, a aproximar da carta que tomou a iniciativa de lhe escrever com esse fim.

Caeiro declara querer que a Natureza seja algo que os sentidos recebam, não que a mente entenda:

Como quem num dia de Verão abre a porta da casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos.
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê.⁴

A relação com a Natureza, repare-se, implica o deslumbrado pasmo do encontro amoroso – para ser fruído com o corpo que goza mas não percebe.

Acontece que tanto a Natureza como o corpo (o seu e o alheio) apareceram sempre a Pessoa como um mistério intransponível.

Pela boca de Fausto (numa espécie de diário dramatizado que Pessoa foi escrevendo ao longo da sua vida) exclama:

O horror metafísico de outrém!⁵

O corpo, alheio ou próprio, enche-o de terror:

Um corpo humano!
Às vezes eu, olhando o próprio corpo
Estremecia de terror ao vê-lo
Assim na realidade tão carnal.⁶

Por isso confessa:

Não me concebo amando nem dizendo
A alguém “eu te amo” [...]
Toda a expansão e transfusão de vida
Me horroriza.⁷

⁴ XXIIº poema do “Guardador de Rebanhos”.

⁵ Fernando Pessoa, *Obras Poéticas*, Org. Maria Aliete Galhoz, Rio Janeiro, Aguilar Ed., 1965, p. 477.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*, p. 478.

E vai mais longe noutra passagem desse drama:

O amor causa-me horror, é abandono,
Intimidade [...]
Uma nudez qualquer – espírito ou corpo –
Horroriza-me.⁸

O que horroriza Pessoa – Fausto é a “realidade” do corpo – “tão carnal” (como o ouvimos dizer). Envolve, por isso, na mesma repulsa, a fisicidade do corpo, alheio ou próprio, e toda e qualquer “expansão e transfusão de vida”.

Na sua própria pessoa, Pessoa confessava a sua “incompetência ante tudo o que é a vida”⁹ – essa para que Álvaro de Campos tentou, à sua maneira, tão diferente de Caeiro, encontrar o caminho. Ouvimo-lo exclamar, em “Passagem da Horas”, “...e há só um caminho para a vida que é a vida”.

Temos, neste momento, vários conceitos nomeados que, afinal, se equivalem no horror que suscitam a Pessoa – Fausto: corpo = realidade = vida.

Fausto queixa-se: “Há entre mim e a realidade um véu [...]”¹⁰

Talvez por isso Reis exorta um **tu** qualquer que não nomeia:

Aprende tu das cristãs angústias a não ter véus
No corpo e na alma.

É, pois, para curar o Ocidente do “morbo cristista” – que Pessoa lhe diagnostica depois da queda do Paganismo – que ele inventa essa terapia pessoal e civilizacional que baptizou de Neopaganismo. Trata-se de “uma religião individual” – tão própria como esse exercício da inteligência e da alma a que chamava “metafísica recreativa”¹¹. O obreiro desse templo e teórico dessa atitude e dessa prática foi António Mora, um prosador ainda mal conhecido mas que, sozinho, escreveu talvez mais do que Reis e Caeiro juntos. Foi Mora que denunciou. “Somos uma raça vestida!”.

O pior é que os doentes que somos trazem não só o corpo mas também a alma vestida. É Caeiro quem o diz: “Pobres de nós que trazemos a alma vestida!”¹².

Acontece que para o Neopaganismo (de que Caeiro é o Mestre e Reis a sua expressão poética, anoitecida mas ainda pagã) corpo e alma não são

⁸ *Ibidem*, p. 479.

⁹ Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer*, Lisboa, Ed. Estampa, 1990, vol. II, p. 30.

¹⁰ Fernando Pessoa, *Obras Poéticas*, ed. cit., p. 461.

¹¹ *Pessoa por Conhecer*, ed. cit., vol. II, p. 457.

¹² XXIVº poema do “Guardador de Rebanhos”.

antinómicos, como para o Cristianismo, mas interpenetram-se. Caeiro afirma no “Penúltimo Poema” assim intitulado, significativamente dedicado a Ricardo Reis:

Nos deuses [a alma] tem o mesmo tamanho que o corpo
 E o mesmo espaço que o corpo
 E é a mesma coisa que o corpo.
 Por isso se diz que os deuses nunca morrem.
 Por isso os deuses não têm corpo e alma
 Mas só corpo e são perfeitos.
 O corpo é que lhes é alma
 E têm a consciência na própria carne divina.¹³

Por isso a permanente exaltação do corpo destes neopagãos:

Que perfeito que é nele o que ele é – o seu corpo¹⁴

E diz mesmo noutro poema:

Mas o corpo perfeito é o corpo mais corpo que pode haver,
 E o resto são os sonhos dos homens,
 A miopia do que vê pouco.¹⁵

Caeiro vai mesmo ao ponto de admitir que a alma, se existir, tem de ser exterior:

E como a alma é aquilo que não aparece
 A alma mais perfeita é aquela que não apareça nunca –
 A alma que está feita com o corpo
 O absoluto corpo das coisas,
 A existir absolutamente real sem sombras nem erros
 A coincidência exacta (e inteira) de uma coisa consigo mesma.¹⁶

Por isso é que os deuses pagãos são apenas homens mais perfeitos.

Daí também a exaltação do “lado de fora”, do “exterior”, permanente em Caeiro: “A Natureza é só uma superfície” – afirma. No XXVIIIº poema do “Guardador de Rebanhos”, escreve:

¹³ *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. cit., p. 151.

¹⁴ *Ibidem*, p. 114.

¹⁵ *Pessoa por Conhecer*, ed. cit., vol. II, p. 367.

¹⁶ *Ibidem*.

[...] compreendo a Natureza por fora;
 E não a compreendo por dentro
 Porque a Natureza não tem dentro;
 Senão não era a Natureza.

Noutro poema escreve:

Seja o que for que esteja no centro do Mundo
 Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade.¹⁷

O elogio do exterior, do lado de fora, da superfície, leva-o a dizer:

E se as coisas não tiverem fundo?
 Ah, que bela a superfície!
 Talvez a superfície seja a essência
 [...]
 Ó face do mundo, só tu, de todas as faces,
 És a própria alma que reflectes¹⁸

Poderemos dizer que o Neopaganismo nasceu como uma terapia pessoal e civilizacional: veio tentar despir o corpo e a alma dos crististas que somos e do ser tolhido que, particularmente, Pessoa se sentia ser. Inventou-a porque lhe doía não saber ter corpo, e exaltou a nudez que torna um corpo transitivo face a outro corpo e à realidade exterior.

É curioso constatar que a experiência amorosa (de que a série de poemas do “Pastor Amoroso” dá testemunho) propicia o trânsito para o real, torna o corpo mais vivo porque estimula os cinco sentidos:

Agora que sinto amor
 Tenho interesse nos perfumes.
 Nunca antes me interessou que uma flor tivesse cheiro. [...]
 Hoje as flores sabem-me bem num paladar que se cheira
 Hoje às vezes acordo e cheiro antes de ver.¹⁹

Sabe-se que o cheiro é o sentido que mais aproxima o homem do bicho: assim o amor nestes poemas aparece com sua função sinérgica de catalisador, activando no homem a pureza e a violência adormecida do instinto.

¹⁷ *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. cit., p. 149.

¹⁸ *Ibidem*, p. 65.

¹⁹ *Ibidem*, p. 108.

Também o olhar amoroso vai mais longe:

Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios:
Sentado a teu lado reparando nas nuvens reparo nelas melhor.

Neste poema (curiosamente datado de 6/7/1914) Caeiro, embora assumidamente adoecido pelo Amor, tenta conservar o título que se auto-atribuiu de “único poeta da Natureza”:

Tu não me tiraste a Natureza...
Tu mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram mais demoradamente belas todas as coisas.²⁰

O amor torna, pois, a Natureza mais próxima, **desvela-a**: tira o tal véu que Fausto sente separá-lo da realidade.

A Natureza (sempre escrita com maiúscula) não tem que ver com a vida videirinha de cada um. Caeiro acrescenta, no último poema citado:

Põe as tuas mãos entre as minhas mãos
E deixa que nos calemos acerca da vida.

Esta Natureza do Caeiro Amoroso é um Absoluto, uma Grande Ausência com que o ser apaixonado comunica de corpo e alma. É evidente que o Caeiro em seu estado normal de saúde “diz o contrário” – como explica ser natural naquele poema que se segue aos quatro, dos “Poemas Inconjuntos”, que escreveu estando doente. Mas a escrita deste Caeiro Amoroso tem, curiosamente, um frémito, uma intensidade que a fria geometria do outro não consegue alcançar.

Esta Natureza do Caeiro Amoroso tem esse alcance transcendente que o Caeiro de boa saúde lhe quer negar. O poema que temos vindo a citar, de 1914, começa assim:

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,

²⁰ *Ibidem*, p. 103.

Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de uma maneira mais comovida e próxima.

Esta Natureza aparece assim como uma forma de energia de que, religiosamente, o ser comunga. Sendo a terra o elemento de Caeiro, esta Natureza é telúrica, com seus campos, suas flores, seus rios. Mas, curiosamente, ao contrário do outro Caeiro, assumidamente solar, este ama a lua (de que o outro nunca fala): “Vai alta no céu a lua da primavera” – é assim que começa o segundo poema desta série do Pastor Amoroso, datado do mesmo dia do anterior.

Será Álvaro de Campos (como veremos seguidamente com mais vagar) quem vai exprimir essa ânsia de comunhão de Pessoa com uma Natureza nocturna que é sentida como o imenso mar sem contornos da Noite, como o materno Tudo = Nada que pariu o ser, expulsando-o desse absoluto com que fazia corpo: a “Ode à Noite” assim chamada, afinal “Excerto de Duas Odes”²¹, testemunha pungentemente essa nostalgia.

Quando, excepcionalmente, Caeiro encara a existência da própria alma, interroga-se assim:

Sou, corpo e alma, o exterior de um interior qualquer?
Ou a minha alma é a consciência que a força universal
Tem do meu corpo por dentro ser diferente dos outros corpos?²²

Essa “força universal” é afinal essa energia que anima a Natureza – superfície que Caeiro diurno tanto exalta, mas admitindo, afinal, que ela é, apenas, invólucro.

Num desses poemas que Caeiro escreveu “estando doente” (como preveniu no poema precedente), exclama:

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhaninha cedo, pela estrada [...]

Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

Numa quadra publicada por Teresa Sobral Cunha que Pessoa não inscreveu nesse caderno do “Guardador de Rebanhos” que terá servido de ponto de partida à edição da *Ática*, Caeiro escreve, concluindo o poema:

²¹ Álvaro de Campos, *Livro de Versos*, Ed. Critica de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Ed. Estampa, 1997 (3ª ed.), p. 87.

²² *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. cit., p. 120.

Ia direito ao coração da terra como a alma pr'a Cristo.²³

Em vez de **subir** ao céu, como na concepção cristã, **desce** para “o coração da terra”, no sentido da raiz.

Já noutra ocasião sugeri que Miguel Torga é, de certo modo, um afilhado de Alberto Caeiro... embora não pretenda que o afilhado tenha sofrido a directa influência do padrinho. Torga é, de facto, o incansável oficiante de um culto à Mãe Terra, cujas “forças elementares” o ser inconscientemente procura com um tropismo que actua no sentido da raiz, da fundura, e não no da altura, que é o ogival caminho da alma cristã. Por isso a Natureza é, para Torga, mais do que a parte visível (ramos, folhas, flores, frutos, ninhos, aves) de uma força que busca os recessos mais fundos do útero primordial.

Pessoa, na sua própria pessoa, não tem esse tropismo da raiz. Para ele, como diz em *Mensagem*, a “lição da raiz” é negativa: “ter por vida a sepultura”. Mas inventa Caeiro para ter precisamente: “raiz, relação directa com a terra”.

Ricardo Reis, num poema que dedica ao Mestre depois da sua morte, dirige-se-lhe nestes termos:

Antes de ti já era a Natureza
Mas não a alma de compreendê-la.
Deu-te Deus o instinto com que sentir as cousas.²⁴

Assim, aquele que se autodenomina “o Descobridor da Natureza” foi feito nascer para pregar a pureza dos instintos (como um Cristo Solar, exaltando o corpo e a superfície contra a alma e o dentro crististas). Por vezes, a sua fala adquire presença de oficiante, e quase vemos o seu gesto:

Deixemos o Universo exterior e os outros homens onde a Natureza os pôs.
[...]
Paz a todas as coisas pré-humanas, mesmo no homem.
Paz à essência inteiramente exterior do Universo!²⁵

Mas é preciso constatar que a maior parte do tempo Caeiro se limita a **falar de**, sendo a Natureza uma terceira pessoa do discurso, gramaticalmente falando – aquela de quem se fala, que não age sobre o seu sujeito. Caeiro fala dela, não com ela: a Natureza é um tema, apenas, não há troca de energias; aliás a Natureza não chega a ser uma fonte de energia.

²³ *Ibidem*, p. 65.

²⁴ *Poemas de Ricardo Reis*, Ed. Crit. de Luís Fagundes Duarte, Lisboa, Imprensa Nacional Casa Moeda, 1997, p. 206.

²⁵ *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. cit., p. 142.

O mesmo poderíamos dizer da Natureza para Ricardo Reis – ou melhor, no caso deste discípulo, é que a Natureza é mesmo e só “uma maneira de dizer”. (Estou a adaptar dois versos de Caeiro: “mas a primavera nem sequer é uma coisa:/É uma maneira de dizer.”²⁶)

Não há o mínimo frémito de vida nessa paisagem pintada, com as suas evocações da tradição greco-latina, que serve de cenário às odes de Reis. As forças da Natureza são alegorizadas segundo essa tradição. Exemplo:

O mar jaz. Gemem em segredo os ventos
Em Éolo cativos,
Apenas com as pontas do tridente
Franze as águas Neptuno.²⁷

Ricardo Reis, ao contrário do Mestre, é anti-raiz:

Que é pensar
Sem ser? poeta, o que pensa
Vive o que é,
E a raiz não medita²⁸

As mulheres ou o mancebo a quem diz **tu** não são a segunda pessoa do discurso mas apenas “uma maneira de dizer” – ou melhor, um recurso para fazer passar a mensagem.

O único dos heterónimos que verdadeiramente estabelece uma relação de eu-tu com a Natureza, que com Ela entra em situação invocado-a, tornando presente a sua ausência, é Álvaro de Campos – que não tinha, assumidamente, qualquer “relação directa com a terra”.

Campos era, já se disse, um cidadão irrecuperável para qualquer aventura campestre, real ou literária. E podia ter sido ele – que “fingia” esse que Pessoa deveras era – a responder ao convite já referido do amigo Cabral Metelo para ir passar uns tempos na sua quinta: declinando o convite por se sentir fincado em Lisboa “onde já parece que sou, se não uma árvore, com raízes naturais no solo, ao menos um marco, ou um poste, postigo mas igualmente enterrado no chão.”²⁹

Um poste não lança raízes mas aparentemente ama o cimento que o sustém e retém. Talvez por isso o futurista que Campos “finge” ser sonha, na “Ode Triunfal”, com uma Natureza outra:

²⁶ *Ibidem*, p. 123.

²⁷ *Poemas de Ricardo Reis*, ed. cit., p. 47.

²⁸ *Ibidem*, p. 221.

²⁹ Fernando Pessoa, *Correspondência*, ed. cit., p. 30.

Em febre e olhando os motores como uma Natureza tropical
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força [...] ³⁰

Mas essa Natureza futurista (“revelação metálica de Deus”, como escreve neste poema) é também convencional: não chega a impor-se como uma verdadeira fonte de energia.

Não será despropositado aproximar a recusada relação de Pessoa com a Natureza da afirmação de Campos, nas suas prosas, de que o campo é o refúgio de todos os tuberculosos do mundo e lembrar que assim morreram Alberto Caeiro e o pai de Pessoa. Curiosamente o pequeno Fernando, com cinco anos, acompanhou o pai na estadia numa casa de campo dos arredores de Lisboa para onde foi mudar de ares pouco antes de morrer. ³¹

A única Natureza com que Pessoa se relacionou, nomeadamente através de Campos, foi a Noite = Mar – nesse incomparável poema já referido “Vem, Noite antiquíssima e idêntica” ³² – em que Noite aparece significativamente escrita com maiúscula. Mas esta vibrante presença não tem corpo nem contorno: Noite = Mar = Ventre primordial = Mãe = Nossa Senhora = Enfermeira antiquíssima = Domadora hipnótica das coisas que se agitam muito.

Incapaz de seguir os conselhos que se dá pela boca de Caeiro: de se relacionar com uma Natureza palpável e exterior, física, Campos pôs-se a desejar uma Grande Mãe impalpável, toda interior, metafísica, regaço e mortalha de água, em que tenta afogar a sua sede de Absoluto.

Afinal a Natureza que Caeiro exaltava (uma superfície bem variada de formas e cores) não tinha que ver com Pessoa que levou a vida a tentar embrenhar-se pelos “caminhos do olhar” (de que fala no último poema citado) mas cujas paisagens são sempre interiores, sonhadas. Num poema de 1932, em seu próprio nome, escreve:

É aqui, neste quarto de uma casa,
Aqui entre paredes sem paisagem [...]
É em nós que há os lagos todos e as florestas
Se vemos claro no que somos [...] ³³

Nota: este artigo foi entregue antes da publicação de *Poesia de Alberto Caeiro e Ricardo Reis* (ed. Assírio e Alvim) da responsabilidade respectivamente de Fernando Cabral Martins / Richard Zenith e de Manuela Parreira da Silva.

³⁰ Álvaro de Campos, *Livro de Versos*, ed. cit., p. 87.

³¹ *Fernando Pessoa, Hóspede e Peregrino*, Org. Teresa Rita Lopes e Maria Fernanda de Abreu, Lisboa, Ministério da Cultura, 1985, p. 36.

³² Álvaro de Campos, *Livro de Versos*, ed. cit., p. 93 e seguintes.

³³ Fernando Pessoa, *Obras Poéticas*, ed. cit., p. 553.